

**NASCIMENTO DE SERES MATERIAIS NO CULTO NAGÔ - PELOTAS/RS**  
BIRTH OF MATERIAL BEINGS IN NAGÔ CULT - PELOTAS / RS

Luiza Spinelli Pinto Wolff

Vol. XI | n°22 | 2014 | ISSN 2316 8412



# NASCIMENTO DE SERES MATERIAIS NO CULTO NAGÔ - PELOTAS/RS

Luiza Spinelli Pinto Wolff<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste ensaio visual, proponho, por meio de uma abordagem etnoarqueológica, analisar os objetos envolvidos no ritual de iniciação de Manu Pontes, no *Ilé Asè Nàgó Oluorogbo* (Casa de axé Nagô cuja força vem dos Orixás das chuvas), em Pelotas/RS, que constituirão, no fim do processo ritual, seres materiais fontes de *asé* (força vital). Assim, busco construir uma etnografia dos objetos envolvidos no ritual seguindo a abordagem do novo animismo, construindo novas perspectivas sobre os objetos no culto nagô.

**Palavras chaves:** Etnoarqueologia, Novo animismo, Nação nagô, *Ilé Asè Nàgó Oluorogbo* (Pelotas/RS).

**Abstract:** In this visual essay, I propose, through an ethnoarchaeological approach, to analyze the objects involved in the initiation ritual of Manu Pontes in *Ilé Asé Oluorogbo Nago* (the house of Axé Nagô whose strength comes from Orishas of rain) in Pelotas / RS, which will form, at the end of the ritual process, material beings sources of *asé* (life force). Thus, I seek to build an ethnography of the objects involved in the ritual following the approach of the new animism, building new perspectives on the objects in nagô cult.

**Keywords:** Ethnoarchaeology, New animism, Nagô nation, *Ilé Asè Nàgó Oluorogbo* (Pelotas/RS).

O ensaio visual é parte da pesquisa etnoarqueológica realizada no *Ilé Asè Nàgó Oluorogbo* – traduzido por *Casa de axé Nagô cuja força vem dos Orixás das chuvas* –, onde o trabalho de campo foi desenvolvido tendo como principal interlocutor o *Babalorixá* Eurico *Kejaiye*, zelador de orixá do *Ilé* (casa), e os demais integrantes. As fotografias deste ensaio abarcam o ritual de iniciação de Manu Pontes ao culto dos orixás, ocorrido em novembro de 2012, nas margens do rio Piratini sob a Ponte do Império, entre os municípios de Cerrito e Piratini/RS. O ritual de iniciação é composto por outros dois rituais: o "*bori*" e a "*feitura da cabeça*". Busco compreender a importância dos objetos nos ritos do *Ilé* (casa), por meio do diálogo entre a Antropologia Social e a Arqueologia, utilizo a abordagem do ator-rede (LATOUR, 2012) e o novo animismo (ALBERTI, BRAY, 2009; BROWN, EMERY, 2008; HABER, 2009; INGOLD, 2006, 2012b; MILLS, FERGUSON, 2008; SEGATA, 2011; VANPOLL, NEWSOME, 2012) para problematizar as interações entre humanos e mundo material, entre indivíduos e objetos rituais. Seguindo as propostas de Latour (1994, 2002, 2012) e Ingold (2006, 2012a, 2012b) observo os elementos materiais dentro do *Ilé* como seres que têm agência, que estão vivos, e compõem redes sociais (LATOUR, 1994), na qual humanos e não-humanos interagem. Proponho, então, uma interpretação dos objetos rituais além da representação, compreendendo o mundo material em suas características intrínsecas, descentralizando a análise do papel dos humanos na produção dos significados, para pensar estes últimos como resultados de relações entre pessoas e coisas (MESKELL, 2005; FAHLANDER, 2008; GONZÁLEZ RUIBAL, 2012).

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Agronomia da Universidade Federal de Pelotas (PPGA/UFPEL), Brasil; bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), Brasil.

Os seres humanos e não-humanos formam campos relacionais, onde não existe uma divisão entre o dentro e o fora e diversos seres se entrelaçam, formando uma malha de relações. O mundo anímico é entendido em constante fluxo. Na perspectiva animista, não-humanos podem ter atribuições humanas - como personalidade, sentimentos, fome, sede - e também estabelecer relações sociais - relações de status, hierarquia social -, que são imanentes a determinados seres materiais (SEGATA, 2011). O mundo anímico é entendido em constante fluxo, os seres existem em um movimento contínuo, porque o que se move está vivo (INGOLD, 2006).

No ritual de iniciação observado, a criação dos seres materiais ocorreu por meio da transformação e da associação de elementos heterogêneos em uma rede de relação entre os humanos e não-humanos, produzindo ritualmente novos seres. Seguindo Latour (2012), os elementos em posição de igualdade são conectados na rede ritual. Partindo de uma perspectiva animista, observei que, dentro do *Ilé*, os seres materiais tem espírito e estão vivos, porque eles influenciam e são influenciados pelos seres humanos, se movimentam, necessitam se nutrir e se hidratar. Neste ensaio visual, o objetivo é demonstrar como alguns elementos dos seres materiais em interação com humanos compõem uma rede de relações, resultando no nascimento de seres materiais.

O *Bori*, que significa oferenda à cabeça, foi o primeiro ritual realizado. Tem como objetivo equilibrar e nutrir a cabeça do iniciado que receberá o orixá. Deste ritual, resultam seres materiais: 1) *Igbá-ori*, feito em um pote de vidro transparente ("para afastar espíritos", segundo o *Babalorixá*) com tampa e pedestal (geralmente bombonieres compradas em lojas de artigos domésticos e decoração); 2) "quartinha", pequena moringa de cerâmica comprada em lojas de artigos religiosos; 3) "guia", comprada, também, em lojas de artigos religiosos. As fotografias<sup>2</sup> 1 a 3 retratam os elementos materiais e fragmentos do ritual. Na fotografia 4, o *Igbá-ori* está pronto e o ritual do *Bori* finalizado. A guia branca, que esteve no pescoço do iniciado durante o ritual, foi colocada no pescoço da moringa, explicitando o vínculo entre ambos. O *Igbá-ori* e a quartinha pequena foram para o *Ilé*, onde serão nutridas, hidratadas e louvadas para a circulação do *asé* (energia vital).

A feitura da cabeça do iniciado (referente às demais fotografias de 5 a 10) é o ritual onde os orixás do indivíduo são assentados; e o vínculo de *asé* entre o iniciado e os orixás são firmados em seixos rolados, que são chamados após o ritual de *otás*. *Esú* sempre é assentado para todos os iniciados (Fotografias 5 e 6), posto que todos os humanos tem um *Esú* vinculado ao seu corpo físico. O iniciado é filho de *Òssóssi*, sendo assim assentado em um *otá* (Fotografias 7 e 8). Quando o ritual de feitura da cabeça fora finalizado, a quartinha de *Esú* foi tampada e o seu pescoço ornamentado com a guia vermelha do orixá. A quartinha de *Òssóssi* também foi tampada e ornamentada com a guia azul (Fotografia 9). Os *otás* dos orixás foram para o

---

<sup>2</sup> Todas as imagens estão devidamente autorizadas pelos envolvidos no ritual etnografado.

*Ilé*, assim como as *quartinhas*. No fim do processo ritual poderemos dar boas vindas aos seres materiais:  
*Mojubá*, seres materiais!

As características observadas destes seres materiais e dos seus nascimentos somente podem ser observadas mediante as performances rituais, que se alteram ao longo do tempo, resultando em seres materiais distintos, com diferentes histórias. Podemos notar, assim, a importância das epistemologias locais para as interpretações arqueológicas e como um diálogo estreito dentro das ciências sociais podem produzir uma disciplina relevante politicamente para a desconstrução da violência epistêmica e valorização das alteridades. Concluo que explorar as perspectivas êmicas na interpretação dos artefatos pode “re-animar” a arqueologia e, assim, contribuir para a discussão teórica geral sobre o animismo e outras teorias alternativas (WOLFF, 2014).



**Fotografia 01:** Nas margens do rio Piratini, o *Babalorixá* organiza a área de preparação da cabeça do iniciado. Sobre o pano branco, em primeiro plano, estão dispostos os elementos para a feitura do *Bori*.



**Fotografia 02:** Início do ritual com o *Babalorixá* ao centro, os objetos sobre o pano branco e o iniciado em primeiro plano, à direita na foto.



**Fotografia 03:** Momento após o sacrifício do casal de pombas brancas. Observar o topo da cabeça do iniciado, onde está o obi (noz de cola vinda da África e importante portador de asé) banhado em ejé (sangue dos animais ritualizados) e as penas de pombo. No pescoço, a guia branca, também banhada em ejé.



**Fotografia 04:** No centro, o Igbá-ori e a quartinha adornada com a guia branca. Ao redor deles, a grande moringa do banho de Abô (considerado pelo Babalorixá uma “transusão de sangue” que serve como proteção ao iniciado), os animais sacrificados, velas, fósforo, mel e a pequena lata de alumínio com cera de ori (cera de karité vinda da África e vendida em lojas de artigos religiosos).



**Fotografia 05:** Início do ritual onde a guia de Esú e os pés do iniciado recebem banho de dendê.



**Fotografia 06:** Ejé do galo branco despejado sobre os objetos de Esú.



**Fotografia 07:** Ejé vertendo sobre o topo da cabeça do iniciado e sobre a guia azul.

Fotografia 08: Ejé vertendo sobre o otá (seixo rolado ritualizado) de Õssósi.





**Fotografia 09:** Os seres materiais adornados no final do ritual de feitura do iniciado.



**Fotografia 10:** No prato vermelho de cerâmica, à esquerda e abaixo na foto, estão os otás dos orixás, o otá menor da esquerda é de Òssóssi e o maior da direita é o de Esú.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, B.; BRAY, T.L. Animating Archaeology: of Subjects, Objects and Alternative Ontologies. *Cambridge Archaeological Journal*, n. 19, v.3, p. 337-343, 2009.
- BROWN, L.A.; EMERY, K.F. Negotiations with the Animate Forest: Hunting Shrines in the Guatemalan Highlands. *Journal Archaeol Method Theory*, v. 15, p. 300–337, 2008.
- FAHLANDER, F. Differences that matter. Materialities, material culture and social practice. IN: GLØRSTAD, H.; HEDEAGER, L. (eds). *Six essays on the Materiality of Society and culture*. Lindome: Bricoleur Press, p. 127-154, 2008.
- GONZÁLEZ RUIBAL, A. Hacia outra arqueologia: diez propuestas. *Comptum*, n. 2, v. 23, p. 103-116, 2012.
- HABER, A.F. Animism, Relatedness, Life: Port-Western Perspectives. *Cambridge Archaeological Journal*, n.19, p. 418-430, 2009.
- INGOLD, T. Caminhando com Dragões. IN: STEIL, C.A; CARVALHO, C.M. *Cultura, percepção e ambiente: diálogo com Tim Ingold*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012a, p. 15-29.
- INGOLD, T. Rethinking the animate, re-animating thought. *Ethnos: Journal of Anthropology*, n. 71:1, p. 9-20, 2006.
- INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012b.
- LATOUR, B. *Jamais Fomos Modernos: Ensaio de antropologia simétrica*. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1994.
- LATOUR, B. *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches*. Bauru: Edusc, 2002.
- LATOUR, B. *Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Salvador: Edufba; Bauru: Edusc, 2012.
- MESKELL, L. Introduction: object orientations. IN: *Archaeologies of Materiality*. Oxford: Ed. Blackwell Publishing Ltd, p. 1-17, 2005.
- MILLS, B.J.; FERGUSON, T. J. Animate Objects: Shell Trumpets and Ritual Networks in the Greater Southwest. *Journal Archaeol Method Theory*, 15, p. 338–361, 2008.
- SEGATA, J. Pessoas, coisas, animais e outros agentes, sobre os modos de identificação e relação entre humanos e não-humanos. *Revista Caminhos*, On-line, “Dossiê Humanidades”, Rio do Sul, a. 2, n. 1, jan./mar., p. 87-119, 2011.
- VANPOOL, C.S.; NEWSOME, E. The Spirit in the Material: a cases study of animism in the American Southwest. *American Antiquity*, v. 77, n. 2, p. 243-262, abril/2012.
- WOLFF, L.S.P. *Mojubá. Seres Materiais! Novas perspectivas sobre os objetos no culto nagô*. 2014. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia, formação em Arqueologia) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.